

Delinqüência juvenil encabeça violência em Brasília

BRASÍLIA — A capital federal de formas geometricamente perfeitas, desenhada nas pranchetas do arquiteto Oscar Niemeyer, entra na terceira década de sua existência com elevados índices de delinqüência juvenil. O assalto à mansão do embaixador brasileiro Tarcísio Marciano da Rocha na quarta-feira da semana passada por três filhos (dois menores de idade) de seu melhor amigo, o diplomata Adriano Benayon do Amaral, exibe o retrato de uma cidade onde pelo menos 120 mil pessoas já vivem em 48 favelas, além de 680 mil moradores de fundo de quintal e cortiços. As 629 escolas do Distrito Federal são os principais alvos da violência, enquanto as estatísticas mostram que pelo menos um em cada quatro estudantes secundários da rede pública já experimentou algum tipo de droga.

Os crimes mais dramáticos ocorridos no Distrito Federal nos últimos anos foram praticados por menores contra menores. Muitos assassinatos decorreram de brigas de gangues, um fenômeno novo na cidade. Foi o caso da morte do estudante Rodrigues Corte da Silva, 16 anos, que levou um tiro em abril do ano passado após uma batalha entre grupos rivais da Asa Norte e Vila Planalto.

Os assassinatos de Mônica Oliveira Campos, 3 anos, e Dilsa Lourenço Lopes, 15 anos, ambas da cidade-satélite do Gama, mobilizaram a população, que saiu em passeata pelas ruas exigindo mais segurança. Mônica foi morta pelo estudante Egnaldo Alves de Oliveira, 17 anos, em junho do ano passado, numa vingança contra a mãe da criança, que na véspera do crime advertira Egnaldo durante uma festa de aniversário. Dilsa morreu em novembro de 1988 numa troca de tiros entre seu colega Erlon Pereira de França, 17 anos, e Luis Carlos Gomes de Lima, 17 anos, dentro de uma sala de aula no Centro Educacional nº 4. Luis Carlos pretendia matar Erlon que, durante uma briga no dia anterior, sacou de uma arma e o atingiu no braço, mas acabou acertando Dilsa.

“É uma triste violência adolescente”, avalia o delegado Waldir Paulo, titular da Delegacia de Menores da cidade, diante do aumento da criminalidade juvenil. Só no ano passado cerca de 2.600 menores foram encaminhados ao Juizado de Menores, uma média de sete casos por dia. A falta de segurança nas escolas fez outra vítima em setembro do ano passado. Juliana Alves Nunes, 16 anos foi esfaqueada quando saía da Escola Normal da Ceilândia, outra cidade-satélite. A estudante, que apesar dos ferimentos conseguiu sobreviver, foi assaltada por José Cláudio Oliveira, 19 anos, e M.B.S., 16 anos.

A delinqüência juvenil representa 70% das ocorrências da cidade-satélite do Gama, uma das mais pobres do Distrito Federal. “Aqui, se a gente não providenciar a transferência do delinqüente para a Delegacia de Menores, esses grupos de direitos humanos caem em cima da nós”, diz o delegado Laerte Rodrigues Bessa, responsável pela segu-

Adauto Cruz/Correio Braziliense—25/11/88



Dilsa Lopes: morta por acaso

rança da cidade. Ele reclama ainda do excesso de migração para a cidade, onde a cada dia chegam 100 novas famílias. Hoje, três quartos da população do Distrito Federal já mora nas sete cidades-satélites. Desde sua inauguração, Brasília teve um aumento de 189% em sua população. Sem poder oferecer empregos para todos, Brasília já soma hoje 6 mil camelôs, um para cada 300 moradores do Distrito Federal.

Os suicídios, inclusive entre adolescentes, também estão aumentando na capital federal, onde ocorre uma tentativa de suicídio a cada cinco dias e um suicídio por semana. Entre 1982 e 1986, por exemplo, ocorreram 347 tentativas de suicídio e 253 suicídios, a maior parte envolvendo menores de 30 anos. Neste período, 52 pessoas se enforcaram na cidade.

Brasília é também, entre as 10 principais capitais do país, o lugar onde mais se consome drogas nas escolas, principalmente solventes, calmantes e maconha. Há quatro meses o lavador de carros Nilson Roque Santana, 10 anos, foi encontrado morto na Ceilândia, a cidade-satélite mais pobre do D.F., depois de uma dose excessiva de xarope. No primeiro dia deste ano, pelo menos 20 menores drogados com cola de sapateiro foram levados para a Delegacia de Menores da cidade, assustando os psicólogos do plantão técnico da Fundação de Assistência Social.

Para uma dessas psicólogas, Cecília Sabino, há cinco anos nesse setor, o “descaso das autoridades” com o problema contribui para aumentar o número de menores delinqüentes. Na noite de Natal, o menino Luiz Carlos Becker Amaral, 15 anos, provocou um acidente de carro, causando a morte de Maria de Fátima Caixeta Magalhães e Antônio Rodrigo Magalhães. Luiz Carlos dirigia o carro do pai, mas até hoje sequer compareceu à delegacia para prestar depoimento.